

Jazz Neon

Ele passa sua barba por fazer no meu ombro pequeno e eu sinto seu perfume pesado. Ele me abraça e me beija. Eu penso no que estou fazendo, porque ainda estou aqui. Eu não sou uma mulher. Sou qualquer coisa que ama e rasteja. E respira sem saber, sem querer. Ele contorna minhas tatuagens com as mãos, nosso suor se confunde. Estou prenhe da agitação e da noite.

Ele me confessa estranhezas, suas fantasias de dor. Sorri-me com ternura. Eu suporto as carícias e seu hálito forte somente por dinheiro. Eu não sei o seu nome, nem ele o meu. Espero que se farte do desprezo ou do meu corpo e vá embora, mas apenas me olha, sussurra velhas canções de amor, é jazz, ele diz. Um caso de amor é feito uma canção de jazz, ele diz, vive-se pelo improviso. Todo o tempo, o tempo todo.

Ele acende o cigarro, eu estou em outro lugar. Pontos luminosos na penumbra do quarto de dormir. Lembranças de Hanói. Ele toca meu peito cansado, repousa entre minhas coxas. Ele me possui mais de uma vez, com promessas de um amor sereno e quase sem feridas. Vem comigo, ele diz, e me chama de rainha. Minha rainha, ele diz.

Por um instante eu aceito, e me vejo aventureira nas paredes brancas de cal. Vejo-me coroada no vermelho dos seus olhos,

na embriaguez do seu corpo, no torpor das madrugadas cheias de sonho. Então ele goza. E eu sinto na boca a ânsia satisfeita do outro. Em silêncio eu enlouqueço. Perco a razão. Em segredo faço-me em pedaços, rasgo-me ao meio. Eu tento segurar a fumaça. O que sobrou de Hanói. Meu grito emudece dentro de mim. Ele apenas me olha, sorri-me com doçura. É jazz.

O meu primeiro amor foi em Hanói. Um menino ainda, naquela época, diferente de agora. Ela era mais alta que eu, o rosto desfigurado pela maquiagem. Os cabelos loiros de *koletton*. Cento e vinte reais e eu gozo em oito minutos. O restante do tempo a gente conversa, finge que se importa. Conta mentiras, se engana.

Da janela gradeada, de vidro temperado, observo um céu sem estrelas. O céu de dezembro. A cidade marcada com os letreiros de neon, os enfeites de natal, os desencantos nas noites sem amor. Quase onze horas do dia vinte e quatro de dezembro de mil novecentos e noventa e alguma coisa. Lá fora, ele caminha pensando ser o homem mais corajoso do mundo, inventando paixões e consolações a cada esquina. Não existem remédios para sua dor. Não existem remédios para nossa dor. É jazz.

Conto publicado do livro **Mata rasa, cova grande** (2022).



Thiago Costa

Thiago Costa é historiador. Autor de **Mata rasa, cova grande** (2022, Rizoma Projetos Editoriais). Foi vencedor do Primeiro Prêmio Pixé de Literatura (2019), e finalista da Off Flip (2021), ambos na categoria conto.

thiagocosta248@yahoo.com.br